

**A SINGULARIDADE NA ESCRITA TRADUTORA: LINGUAGEM E
SUBJETIVIDADE NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO,
NA LINGÜÍSTICA E NA PSICANÁLISE.**

Maria Paula Frota. São Paulo: Pontes/Fapesp, 2000, 284pp.

*Maralice de Souza Neves**

A obra de Frota traz a sua contribuição aos Estudos da Linguagem que incorporam o saber da Psicanálise através de uma interpretação da singularidade do tradutor. Este parece ser um momento em que a questão da singularidade ocupa um lugar particular de interesse para as narrativas teóricas do início do século. Embora não haja uma teoria da singularidade, muitos já são os estudos sobre ela e não só na área de Estudos da Tradução. Um exemplo profícuo está no número temático 38 dos Cadernos de Estudos Lingüísticos do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP (2000)¹.

Movida pela relação sujeito-linguagem, a autora discute a noção à qual se filia como oriunda do materialismo histórico, contrária à subjetividade individual, livre e autônoma, mas que se dá nas produções verbais determinadas historicamente num âmbito de um grupo social. Nesse pano de fundo, ela lança mão de conhecimentos da psicanálise, tanto freudiana como lacaniana e utiliza entre vários outros conceitos, desejo, inconsciente, lapsos de língua, alíngua (*lalangue*), nó borromeano. A partir deles, ela propõe uma “noção entendida como uma diferença que, vinculada a histórias próprias ao sujeito que (se) escreve, extrapola diferenças vinculadas a sistemas lingüísticos e a formações discursivas.” (p 19). Frota procura delimitar um lugar de interferência do tradutor no texto traduzido, um ‘resto’, como prefere chamar a autora, ou seja, aquele traço que marca a subjetividade inconsciente do tradutor nos desvios, na instabilidade. Esse ‘resto’ ao invés de se constituir erro de tradução, é visto como algo que possa se constituir em manifestação singular movida pelo desejo inconsciente.

A obra de Frota é resultado de sua tese de doutorado e se junta aos estudos que defendem a tradução como reflexão teórica anti-logocentrista. O livro parte, inicialmente, da interpretação mais difundida da teoria lingüística do *Cours* de Saussure, aquela que abre para a dicotomia sujeito/objeto e leva à questão da literalidade/criatividade na tradução, para então se distanciar dessa concepção. Em seguida, o leitor percorre a concepção contemporânea que visa a superar a questão da tradução livre/tradução fiel, exemplificada

* Professora da Universidade Federal de Minas Gerais; doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas

¹ Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas: IEL-UNICAMP,38, 2000.

pela teoria da (in)visibilidade do teórico dos Estudos da Tradução, Lawrence Venuti. Finalmente, o livro culmina numa proposta essencialmente psicanalítica, que a autora considera alternativa por deslocar-se do caráter dicotômico da relação sujeito/objeto (caráter no qual os termos são vistos como unos e mutuamente excludentes). Esse caráter dicotômico, na análise cuidadosa da autora, Venuti critica, mas dele não se desvencilha. Nesta proposta psicanalítica, a autora propõe que é na incompletude, no assujeitamento às formações do inconsciente, lugar onde se dão as transgressões ao pensamento lógico-binário imaginário, onde se situam as formações singulares, nem certas nem erradas, visíveis e invisíveis num cotejo texto fonte e texto meta, é primordialmente onde se dão acontecimentos da escrita tradutória ligados ao desejo inconsciente.

A obra se divide em 4 capítulos, apresentação e considerações finais. O capítulo 1, intitulado “Os estudos da tradução, a ciência lingüística e o saber da psicanálise: encontros e desencontros”, inicia-se com o relato de um evento de avaliação que deu propulsão à pesquisa da autora: uma aluna de seu curso de “Teorias da Tradução” havia traduzido *picking up* no poema *Kindness* de Sylvia Plath por ‘colando’, o que foi considerado ‘erro’ por sua professora em outra disciplina de tradução, mas com o qual ela, a aluna-tradutora, não concordava, mantendo-se ao termo que escolhera sem mesmo saber porquê. Foi no cotejo entre texto original e texto traduzido aliado à história pessoal da jovem tradutora que Frota vislumbrou o lugar da (sua) singularidade. Partindo da hipótese de que é na extrapolação do assujeitamento do falante ao sistema lingüístico e mesmo à articulação linguagem, história e ideologia, é que aparece o lugar também de assujeitamento ao desejo inconsciente. Ainda a título introdutório, a autora levanta argumentos de desafio ao pensamento tradicional sobre tradução preso à ciência, com base nos argumentos que levou a Psicanálise a desafiar a própria ciência, ou seja, ela desafia o enfoque da lingüística estruturalista saussureana, não sem deixar de passar, necessariamente, pelo estruturalismo lacaniano. Frota fecha o capítulo voltando ao exemplo inicial, apontando, no deslocamento de língua para *alíngua*, o ‘colando’ enquanto emergente de uma cadeia de significantes metonimicamente relacionados, se colando e colando a tradutora metaforicamente a *picking up*.

O capítulo 2, “Lawrence Venuti e a teoria da (in)visibilidade do tradutor”, é dedicado à análise e crítica dos trabalhos dos últimos quinze anos do tradutor e teórico norte-americano, cuja abordagem da linguagem caminha pela dimensão político-histórico-ideológica, atualmente muito discutida e valorizada entre os vários estudiosos da teoria da tradução. Frota se detém na teoria da (in)visibilidade proposta pelo autor, e tematiza questões básicas tais como a diferença e a subjetividade na linguagem. Vale acompanhar sua resenha das bases teóricas da concepção venutiana sobre as diferenças discursivo-sociais que implicam em que traduzir é transformar o original. Especialmente importante para os interessados nos estudos interdisciplinares é o exemplo que Frota

pinça sobre a fluência na tradução, oriunda, segundo Venuti, de determinações ideológicas, e vista como invisibilidade que gera o efeito de transparência da tradução. Ora, o mesmo acontece no ensino de línguas: no imaginário de muitos se busca a fluência que resultará na ilusória fala natural e normal, incluindo o uso de pausa, ritmo, entonação e acentuação, velocidade da fala e o uso de interjeições e interrupções semelhante ao nativo. Essa ilusória fala natural também tem o efeito ideológico de apagar a diferença, a expressão da verdade de cada sujeito, escondendo aí as tensões existentes nas relações sociais dos falantes nativos e estrangeiros.

Quanto à crítica da subjetividade em Venuti, Frota ressalta a questão do descentramento do sujeito no quadro das contradições socio-históricas, ao apontar como o autor tende a desconsiderar, salvo em raros momentos, a dimensão de subjetividade inconsciente, que ultrapassa o inconsciente histórico-social e que resulta em intervenções significantes de uma singularidade do tradutor oriundas do desejo inconsciente. A autora também problematiza três questões que regem o pensamento de Venuti: a história-ideologia, a linguagem e a subjetividade, marcando a questão do não rompimento do pensamento dualista do autor no par essencialismo/ empirismo ou universalismo/ individualismo que ele critica, mas mantém.

No capítulo 3, “Tradução e psicanálise – uma revisão bibliográfica”, a autora busca, em cinco referências distintas, subsídios teóricos para fazer a ponte entre psicanálise e tradução. Na primeira, num texto do psicanalista americano Alan Bass, a autora explora, por exemplo, a questão da ‘escrita do inconsciente’, ou seja, erros (lapsos) produzidos em nossas produções discursivas que não são efeito de desatenção ou desconhecimento, mas da manifestação de um pensamento inconsciente, possibilitando, com isso, abrir uma via que rompa com o pensamento dicotômico de certo e errado e produza um espaço para a discursividade do sujeito do desejo inconsciente. Na segunda referência, a partir de dois textos do filósofo inglês Andrew Benjamin que tematizam a tradução na psicanálise, Frota levanta a contraposição entre a Semântica científica e a Semântica freudiana, e ressalta também com a ajuda do texto de Patrick Mahony, a impossibilidade do resgate do real, que ao ser simbolizado no dito ou no escrito já não é o mesmo.

A terceira referência é um número da revista *Meta* de 1982, já datado, admite a autora, mas cujo conteúdo é raro no que se refere à conjunção tradução-psicanálise e que, de fato, bem fundamenta sua linha de pensamento. Alguns trabalhos tratam da questão do “desejo de encontrar a Verdade no texto e repeti-la inalterada na tradução” (p.189) e a valorização da escrita como operação simbólica. Vale destacar a referência aos textos de F. Peraldi e This e Thèves. Peraldi reitera sua preocupação em entrelaçar as leis estruturais da língua e do desejo inconsciente além de tratar da relação de transferência entre tradutor e texto/autor e que Frota, contraditoriamente, relativiza, ao apontar que o tradutor, pela natureza mesma de sua profissão, não escuta como o psicanalista e, portanto, não percebe os significantes do

desejo inconsciente em seu trabalho. Ela não deixa, no entanto, de revelar o seu desejo de compreender o que se passa no momento da escrita tradutória. O pensamento de This e Thèves vem completar a questão da autora na discussão de conceitos tais como *Nome-do-Pai*, *separação*, *castração*, *falta*, *recalcamento* e *desejo*, para ressaltar novamente, através da estrutura ternária do Édipo – relação mãe-filho e a intervenção paterna -, a aceitação da frustração do tradutor pelo objeto não encontrado. No final desta parte, a autora busca, no trabalho de Silveira Jr. e alguns textos de Arrojo, a partir do tema do desejo do Outro, a questão da ‘relação de amor’, possibilidade de satisfação parcial do desejo do tradutor.

Finalmente, no capítulo 4, intitulado “A escrita singular do tradutor”, Frota conclui sua reflexão ao circunscrever a sua visão de singularidade. Este é o capítulo de maior fôlego de sua articulação entre Psicanálise e Tradução, pois traz não só a revisão de textos fundadores para a questão da equivocidade na língua, entre eles, *A psicopatologia da vida cotidiana* de Freud, como também ampla exemplificação de lapsos, atos falhos, chistes em fatos narrados pelo próprio Freud e em variadas outras traduções. O ponto de deslocamento da autora, se dá no momento em que ela compara e diferencia, das manifestações singulares, as manifestações inconscientes que se dão através dos lapsos de tradução, por exemplo, os quais são considerados ‘erros’ a partir do momento em que se tornam visíveis no cotejo texto fonte – texto meta. Ela aponta três aspectos da singularidade: 1) uma natureza terceira, desembaraçada da lógica binária do certo ou errado que, no âmbito da tradução, “se possa, ‘provisória’ e variadamente, alocar o ‘grau’ de correção ou adequação de uma escolha feita” (p.234); 2) a sua in-visibilidade, ou seja, em relação à recepção de traduções, a transgressão só pode ser vista no exercício do cotejo texto fonte – texto meta; 3) a necessidade de ser explicada, elaborada no momento de uma avaliação negativa da tradução, já que é uma manifestação individual e subjetiva do desejo do tradutor.

O texto de Frota traz muito da complexidade típica dos textos psicanalíticos, o que complica a leitura daqueles menos acostumados aos desvãos terminológicos lacanianos. No entanto, sua elaboração da singularidade traz importante reflexão para os estudos da tradução, principalmente no seu ensino e avaliação. Afinal, tudo começou com uma avaliação negativa sobre uma palavra traduzida. Na verdade, muito rica é sua contribuição para a Linguística Aplicada em geral e particularmente para o ensino/aprendizagem e avaliação de línguas. Em se tratando da linguagem, não se pode deixar de levar em conta a questão das singularidades dos professores e alunos, sujeitos enunciadores contraditórios e desejanter, em encontro-confronto consigo, com o outro e com as línguas que os constituem.